

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

GISELE CAVALARO AVELINO IDE

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: ORIENTAÇÕES DISCREPANTES?

MARINGÁ

2014

GISELE CAVALARO AVELINO IDE

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: ORIENTAÇÕES DISCREPANTES?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia
apresentado à Universidade Estadual de Maringá
como requisito parcial para a obtenção do título de
Pedagoga.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Carlos Faria da Silva.

MARINGÁ

2014

GISELE CAVALARO AVELINO IDE

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: ORIENTAÇÕES DISCREPANTES?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia
apresentado à Universidade Estadual de Maringá
como requisito parcial para a obtenção do título
Pedagoga.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Faria da Silva.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Faria da Silva (Orientador)
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Franciscaine Priscila Martins de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Ruth Izumi Setoguti
Universidade Estadual de Maringá

CONCEITO FINAL: _____

IDE, Gisele Cavalaro Avelino. **ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: ORIENTAÇÕES DISCREPANTES?**. 2014. 21p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

RESUMO

A temática a ser apresentada nesse trabalho se refere a um estudo de comparação entre o método fônico de alfabetização, com base no Estado da Arte, e o método global de alfabetização de acordo com as orientações para o ciclo inicial de alfabetização disponibilizado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa pesquisa foi realizada com fundamentos bibliográficos, de modo a proporcionar o entendimento da importância na comprovação científica no que diz respeito à educação, para que a alfabetização brasileira seja efetivada com qualidade e eficiência. Para a realização dessa pesquisa foram utilizados referenciais teóricos que comprovam a eficácia do método fônico e contribuem para a reflexão da disparidade entre os dois métodos: fônico e global. É conhecida, entretanto, nossa má qualidade de ensino, sendo que o ponto crucial está no baixo desempenho em leitura apresentado por nossas crianças e adolescentes, conforme avaliações nacionais e internacionais. Esse trabalho revê o estado da arte sobre abordagens eficazes para o ensino inicial da leitura e o compara a orientações sobre essa questão no Brasil, particularmente aquelas emanadas do CEALE. Esperamos, assim, oferecer alguma contribuição para o debate desse problema.

Palavras-chave: Alfabetização. Fônico. Global. Estado da Arte.

LITERACY IN BRAZIL: CONFLICTING GUIDELINES?

ABSTRACT

The thematic to be presented in this academic work refers to a comparison study between the phonic method of alphabetization, based in the State of the Art, and the global method of alphabetization according to the guidelines for the initial cycle of alphabetization provided by the Center of Literacy, Reading and Writing of the Faculty of Education of the UFMG. This research was carried out with bibliographic fundamentals, to provide an understanding of the importance of having scientific proof in respect the education, for the Brazilian alphabetization becomes effective with quality and efficiency. To carry out this research, were utilized theoretic references that prove the effectiveness of the phonic method and contribute to the reflection of the disparity between the two methods: phonic and global. It is known, however, our poor quality of teaching, and the crucial point is the low performance in reading presented by our children and adolescents, as national and international assessments. This paper reviews the state of the art on effective approaches to early reading instruction and guidance on comparing this issue in Brazil, particularly those emanating from CEALE. Thus hope to offer some contribution to the discussion of this problem.

Key words: Alphabetization. Phonic. Global. State of the Art.

1. INTRODUÇÃO

O referencial brasileiro em alfabetização tem se estabelecido pelo uso do método global nos primeiros anos de ensino fundamental como forma de desenvolver nos alunos a capacidade de leitura e escrita, porém devemos nos atentar às evidências científicas no campo da alfabetização e a necessidade de repensar o conceito que temos sobre as práticas educacionais. Nosso país não tem demonstrado avanços no que se diz respeito ao aprendizado. Conforme dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), há mais de dez anos o Brasil vem demonstrando um evidente declínio no desempenho dos alunos do ensino fundamental.

Comprova-se que o desempenho em leitura medido a nível nacional e internacional não vai bem e demonstra a sua ineficiência nos gráficos do SAEB e do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) de modo a evidenciar que os alunos brasileiros estão tendo dificuldades para aprender a ler e escrever.

Proficiência média no SAEB/Prova Brasil por Disciplina e Ano do Ensino Fundamental – Escolas Urbanas - Rede Municipal - Brasil

	Língua Portuguesa		Matemática	
	4º/5º Ano	8º/9º ano	4º/5º Ano	8º/9º ano
1995	186,4	249,7	185,2	244,7
1997	179,0	244,0	183,3	241,4
1999	167,1	230,4	176,7	240,0
2001	162,5	228,9	171,7	235,2
2003	165,2	223,1	172,4	232,7
2005	165,0	222,5	174,8	228,4
2007	172,3	222,5	190,0	237,5
2009	181,3	226,1	201,3	239,1
2011	187,1	237,6	206,1	243,8

Fonte: MEC/INEP¹

Tabela 4. Brasil e países da OECD.
Proficiências Médias no PISA em Leitura.

	2000	2003	2006	2009	2012
Finlândia	546	543	547	536	524
Coreia	525	534	556	539	536
Reino Unido	523	-	495	494	549
França	505	496	488	496	505
EUA	504	495	-	500	498
OECD	500	494	492	493	496
Polônia	479	497	508	500	518
Rússia	462	442	440	459	475
Chile	410	-	442	449	441
BRASIL	396	403	393	412	410

Fonte: OECD. PISA - Relatórios 2000, 2003, 2006, 2009 e 2012. Elaboração Luiz Faria.

Os indicadores nos gráficos do SAEB apresentam que as crianças não estão aprendendo a ler e escrever como deveriam e, para complementar esse indicativo, é possível observar que, de acordo com o PISA, o aprendizado da leitura não corresponde quando comparado aos outros países.

Mediante as estatísticas demonstradas pelas avaliações em aprendizado da leitura e escrita, surge a necessidade em compreender e estudar os motivos que, mediante aos dados demonstrados, a alfabetização brasileira continua da mesma forma, seguindo os mesmos padrões já pré-estabelecidos e disponibilizando orientações que não demonstram evidências científicas aos futuros alfabetizadores.

Pode-se considerar um grande avanço educacional caso o Brasil atendesse aos requisitos de qualidade educacional para todos, de acordo com as comprovações científicas constatadas no campo da educação. Infelizmente no que diz respeito ao avanço do conhecimento científico “o país vem ignorando os progressos e as práticas mais adequadas para alfabetizar alunos, atendendo-se a concepções equivocadas e manifestamente ineficazes sobre o que é e como se devem alfabetizar as crianças” (COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 2007, p.13).

De acordo com o método global, as práticas educacionais, baseadas no ideário construtivista ao longo dos tempos, aparentam demonstrar pontos positivos no tocante à aprendizagem, principalmente no que diz respeito ao uso social da escrita e da leitura como concepção de letramento, esse método prega a eficiência da apropriação do conhecimento de leitura e escrita, induzindo os alunos a partir do todo para as pequenas partes, como, por exemplo, partir de sentenças ou textos para a assimilação das sílabas, procurando dar sentido, como se a aquisição da escrita e leitura fosse algo natural.

Porém, o método analítico ou método global não demonstra resultados comprovados cientificamente, enquanto o método fônico se tem demonstrado eficiente em diversos países. A decodificação entre grafema e fonema deve ser a ênfase durante o processo de alfabetização, pois de acordo com o Estado da Arte é por meio da informação visual que o ser humano pode registrar algo enquanto a informação adquirida pelo cérebro é processada.

Com base no método fônico, reconhecer palavras é fundamental para o desenvolvimento da leitura. Ensinar a criança a desenvolver a decodificação fonológica representa o conceito da alfabetização, permitindo que o leitor compreenda, interprete e produza textos, ou seja, o método fônico se fundamenta nos fatos científicos, colocando no centro do processo de ensino a notação ortográfica da realidade linguística do fonema, dessa forma, para alfabetizar é preciso mostrar à criança o fato de que as letras representam os sons da fala.

A criança, para se alfabetizar, precisa, primeiro, aprender o princípio alfabético, ou seja, ser instruída sobre o fato de que as letras ou grupo de letras (grafemas) representam aspectos sonoros da fala e, em segundo lugar, aprender a valência sonora dos grafemas nas diversas posições em

que aparecem nas sequências de letras e palavras. Os métodos podem favorecer ou criar obstáculos a esse aprendizado (ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2011, p.82).

Com base nessas informações, esse trabalho tende a comparar orientações sobre o aprendizado da leitura e escrita que são disponibilizados na Universidade, com base em documentos da Academia Brasileira de Ciências, Comissão de Educação e Cultura elaborados pela Câmara dos Deputados e os Cadernos de orientações em alfabetização do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) disponibilizados pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Por meio desses documentos, que disponibilizam orientações importantes aos professores alfabetizadores, é possível observar e compreender se há confluência nos documentos e tentar entender de que forma a alfabetização deveria acontecer nas escolas brasileiras.

2. MÉTODO FÔNICO: ALFABETIZAÇÃO FUNDAMENTADA EM EVIDÊNCIAS

Os métodos fônicos são utilizados em diversos países desenvolvidos como na França, nos Estados Unidos e Inglaterra. Este método surgiu no século XIX, por volta de 1899 e foi desenvolvido por Nellie Dale que fundamentou essa forma de ensino nos fonemas e exercícios de análise e síntese.

Para Dale, aprender a ler e escrever dispõe um processo demorado que exige tempo e métodos eficientes que ensinem aos alunos a funcionalidade do princípio alfabético e o aprendizado de suas regras de modo sistematizado.

Os estudos mais avançados, do Estado da Arte, mostram que o aprendizado da leitura e da escrita envolvem uma atividade cerebral complexa que necessita da compreensão de que a linguagem escrita envolve características ortográficas e fonológicas que são estabelecidas por um código alfabético.

Para que ocorra a alfabetização é indispensável que os alunos aprendam as regras desse código alfabético e saibam realizar todas as correspondências visuais que são percebidas por meio da internalização de cada fonema e grafema das letras e palavras.

O método fônico coloca no centro de todo o processo de ensino a forma ortográfica da realidade linguística e fonológica, proporcionando a alfabetização dos alunos, instruindo ao fato de que as letras representam os sons da fala.

Com base nos documentos e orientações do Grupo de trabalho Alfabetização Infantil e constatações dos autores Oliveira e Silva (2011) compreende-se que:

O método fônico se refere ao tipo de instrução comprovadamente mais eficaz para ajudar o aluno a estabelecer essas correspondências, e é composto de instruções metafonológicas (para desenvolver a consciência fonológica) e de instruções fônicas (para ensinar as relações entre as letras e os sons da fala) (Brasil 2007, p. 40-41).

A alfabetização, por meio desse método, se demonstra com eficiência comprovada cientificamente, estudos de Ehri e Wilce (1987) e Shepherd (1993) comprovam que os alunos das classes de alfabetização aprendem com mais eficiência e demonstram maior produtividade com atividades fundamentadas no método fônico, pois é por meio dessas atividades que os alunos desenvolvem a compreensão e competência de leitura.

Outras evidências empíricas, consideravelmente importantes que comprovam a eficácia de tal método, foram documentadas pelos estudiosos McGuinness (1997), Batt (1972,1974), Vellutino e Scanlon (1987) que afirmavam em seus estudos que “O aprendiz presta atenção naquilo que está automaticamente codificado no cérebro e é automaticamente sinalizado para a memória. A atenção age como uma pista para recuperar as associações que estão na memória”.

Outra importante evidência comprovada foi realizada por meio de um importante relatório, de responsabilidade do National Reading Panel Report (2000), demonstrado por meio de uma avaliação baseada em evidências científicas no campo da alfabetização, no tocante a leitura e implicações para o ensino dessa capacitação. Foram selecionados tópicos a serem avaliados como objetivos principais dessa avaliação, como, por exemplo, a consciência fonêmica, métodos fônicos, fluência, vocabulário e compreensão de leitura, e foi possível constatar que: “o ensino por métodos fônicos contribui para melhorar o desempenho dos alunos e, em caso afirmativo, como a melhor forma de promover esse ensino” (Academia Brasileira de Ciências, 2011).

O presente relatório aponta que os alunos que são submetidos aos métodos fônicos conseguem superar e desempenhar as capacidades dos alunos ensinados por quaisquer outros métodos.

Documentos importantes, como esse, colaboram com publicações de obras que corroboram com o Estado da Arte na questão das evidências científicas da eficácia dos métodos fônicos, pois o aprendizado e desenvolvimento da leitura e escrita devem ser primordiais para que os alunos sejam alfabetizados com qualidade.

Cada criança é única. Mas não há mil maneiras ou estilos de aprendizagem da leitura. Quando se trata de aprender a ler, ninguém pode dispensar seu cérebro. Todo cérebro está submetido a padrões funcionais e estruturais e a aprendizagem da leitura se dá sempre na mesma sequência (DEHAENE, 2007, p.290, apud ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS, 2011).

Por meio do método fônico, o processo de aprender a ler e escrever consiste em que os alunos adquiram habilidades específicas que contribuam de modo eficaz com o reconhecimento de palavras escritas e decodificações. A medida que são desenvolvidos nos alunos essas capacidades se tornam mais eficientes, desse modo, aprender a fazer a decodificação fonológica constitui o conceito da alfabetização.

Aprender a fazer a decodificação fonológica (isto é, converter sons em letras para escrever e letras em sons para ler) constitui o cerne do conceito de alfabetização. No entanto, ela não esgota nem o seu sentido nem o seu objetivo: o objetivo da leitura é permitir ao leitor compreender, interpretar e modificar o texto, dialogando com ele (BRASIL, 2007, p.27).

A utilização do método fônico é propício ao desenvolvimento dos bons leitores, de modo que possam obter a capacidade em identificar as palavras de qualquer gênero textual rapidamente usufruindo de uma compreensão eficaz. Assim, os alunos com leitura e escrita fluentes não necessitam se basear no contexto de um texto para identificar as palavras, ao invés disso, os leitores conseguem atentar-se e identificá-las rapidamente.

O processo fonológico e a decodificação devem ser considerados importantes para o progresso da alfabetização, pois além de o fator fonológico ser um dos principais aspectos de leitura para que se torne possível, o reconhecimento de

palavras se faz necessário e fundamental para que as palavras sejam memorizadas de acordo com suas grafias.

Considera-se importante que os alunos saibam perceber as correspondências entre os grafemas e fonemas para que aprendam a ler e escrever de forma plena, o desenvolvimento da escrita não é algo natural, depende de estímulos gerados pelo professor e de condições adequadas para que o aprendizado seja efetivado.

Crianças que vivem em ambientes letrados e com acesso a artefatos como lápis, giz, papel etc. começam a representar alguns sons usando a escrita espontânea ou inventada. Também começam a usar brinquedos e outros objetos para representar sons da fala. Esse desenvolvimento ou, mais precisamente, esse envolvimento da criança com a escrita não é natural – depende da existência de estímulos e condições ambientes (BRASIL, 2007 p.49).

Para que as crianças aprendam a ler e escrever é preciso que tenham a capacidade de decompor palavras em fonemas e grafemas. De acordo com os estudos de Adams (1990) e o relatório do NRP (2000), compreende-se que “a capacidade de analisar (decompor) palavras em sons se baseia na sensibilidade fonológica preexistente, mas depende, fundamentalmente, do desenvolvimento da consciência fonêmica associada ao processo de aprender a ler” (BRASIL, 2007, p.51).

É de fundamental importância que as crianças aprendam, além do código alfabético, as regras de conversão grafema – fonema, assim, o aprendizado das ortografias e morfologias permite ao aprendiz a utilização dessas regras quando forem necessárias e, concomitantemente, promovem a possibilidades de que adquira uma leitura autônoma, sendo capaz de tomar suas decisões, mantendo a atenção quando está lendo e escrevendo, dessa forma a leitura se torna fluente e a escrita acontece de forma correta.

De modo a contribuir para o desenvolvimento da leitura e escrita com eficiência, o método fônico é superior aos outros métodos e comprovadamente mais eficaz no ensino da decodificação, nesse processo de alfabetização usam-se diferentes tipos de materiais para o aprimoramento da leitura, pois antes que o aluno aprenda a decodificar, este deve desenvolver a consciência fonológica e fonêmica de modo a identificar-se quaisquer gêneros textuais.

O ensino de decodificação não esgota os objetivos de um programa de alfabetização. Diferentes objetivos requerem diferentes tipos de material de leitura e o uso de diferentes técnicas e métodos para promover a fluência, vocabulário, compreensão e articulação com a escrita (BRASIL, 2007, p.72).

Por ter se demonstrado um método eficaz, cientificamente comprovado pelos estudos apontados em diversos documentos, o ensino por meio da fônica não se baseia em um único tipo de texto, são utilizados inúmeros gêneros textuais e recursos compatíveis com a capacidade de leitura dos alunos.

Até mesmo os problemas enfrentados por baixos índices no tocante ao nível sócio econômico dos alunos podem ser superados em casos que as instituições educacionais utilizam um método eficaz para alfabetizar, ao invés de se apegar ao fator sócio econômico como a principal causa e consequência da falta de aprendizado, as escolas que utilizam esse método podem tornar os alunos capazes de superar esse problema por meio de estratégias eficazes de ensino.

3. MÉTODO GLOBAL: A ALFABETIZAÇÃO DE UMA PROPOSTA CONSTRUTIVISTA

De acordo com o material de orientações aos professores alfabetizadores, disponibilizado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação (CEALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a melhor forma para alfabetizar é por meio da utilização do método global, o qual é utilizado nas redes públicas de todo o país. Tal método é fundamentado em documentos nacionais como, por exemplo, Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) e no conceito construtivista.

Com base no documento estudado para este trabalho, o CEALE aponta que o método global em alfabetização tem o objetivo de ensinar e possibilitar o progresso da criança em seu desenvolvimento, de modo que o aprendizado dependa do processo desenvolvido pelos alunos de acordo com as condições e possibilidades que lhes são apresentadas. “O aprendizado e a progressão da criança dependerão do processo por ela desenvolvido, do patamar em que ela se encontra e das

possibilidades que o ambiente escolar lhe proporcionar, em direção e avanços e expansões” (CEALE, 2014, p. 9).

Os cadernos de alfabetização do CEALE orientam que alfabetizar por meio do método global é permitir que os professores coloquem em maior evidência as capacidades pré-estabelecidas dos alunos, ou seja, é valorizada a possibilidade das distintas interpretações e suas capacidades para que o conhecimento já adquirido seja o campo norteador que gera o desenvolvimento durante o aprendizado.

De acordo com o documento, a língua falada ou escrita é a interação verbal das pessoas, desse modo, o professor deve utilizar de sua sensibilidade para que seja possível adequar os conteúdos a serem ensinados de acordo com o saber e as vivências de seus alunos. De acordo com o documento.

[...] a língua é um sistema discursivo, isto é, um sistema que tem origem na interlocução e se organiza para funcionar na interlocução (inter + locução = ação linguística entre sujeitos). Esse sistema inclui regras vinculadas às relações das formas linguísticas entre si e às relações dessas formas com o contexto em que são usadas. Seu centro é, pois, a interação verbal, que se faz através de textos ou discursos, falados ou escritos (CEALE, 2004, p. 10).

Dessa forma, o método global valoriza o uso da língua nas suas diferentes situações sociais, de forma a rejeitar a tradição do ensinamento de modo transmissivo dos conceitos e regras, pois se apoiam na ideia de que essa prática de ensino acontece de modo mecânico e reprodutivo, acreditando que dessa forma não seja possível desenvolver nos alunos as capacidades necessárias para a prática da leitura e da escrita, assim como da fala para que o sujeito seja formado para viver as diversas situações sociais. Dessa forma, as aulas devem ser uma situação de uso público da língua.

Embasado no método global, o CEALE orienta que o processo da alfabetização deve ocorrer do todo para as pequenas partes, como por exemplo, de palavras e textos para a decomposição das sílabas, as práticas utilizadas são fundamentadas no ideário construtivista, acreditando-se que ao longo de duas décadas essa influência trouxe aspectos positivos ao resgate das dimensões de aprendizado, no tocante aos usos sociais da escrita e da leitura.

As orientações expõem que por meio desse método, o aluno tenha as condições e oportunidades de analisar os conteúdos que lhe são ensinados, de modo a analisar, descobrir as regras e seus próprios erros apenas com a orientação do professor, que ao invés de ser somente o transmissor do conhecimento, assume o papel de mediador, para ajudar o aluno em seu objetivo de aprender.

Ainda de acordo com o referente documento, o processo de alfabetização ocorre de forma indissociável ao letramento, ou seja, enquanto a alfabetização ocorre como processo específico da apropriação da escrita, o letramento é a inserção e a participação dos alunos na cultura escrita, possibilitando-os a leitura de palavras presentes no meio social até livros e textos. Assim, “alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis” (CEALE, 2004, p.13).

A associação de alfabetização e letramento deve ocorrer de modo que os alunos adquiram capacidades de se apropriar do sistema alfabético e ortográfico, que possibilitem ao educando fazer uso da língua em diferentes práticas sociais de leitura e escrita, permitindo que se exerça a cidadania. O CEALE (2014, p.14) apresenta que deixar de explorar a relação extraescolar dos alunos com a escrita significa perder oportunidades de conhecer e desenvolver experiências culturais ricas e importantes para a integração social e o exercício da cidadania.

De acordo com o documento, a aquisição das habilidades da escrita envolve, além de um grande esforço cognitivo, uma atividade motora que deve ser aprendida e treinada juntamente com o conhecimento da cultura escrita, ou seja, o letramento. Quando o aluno compreende que tudo que ele escreve é para que seja lido, por ele mesmo ou outrem, isso passa a fazer sentido para ele no decorrer do aprendizado e gera um esforço maior para que se consiga uma boa caligrafia e procure ter uma organização adequada aos cadernos.

Se os alunos compreenderem isso, vai fazer mais sentido para eles esforçarem-se para conseguir uma caligrafia legível e com boa apresentação estética, como também empenharem-se na organização adequada da escrita nos cadernos, nos cartazes, nos murais, enfim, nos diversos textos que produzirem (etiquetas, agendas, listas, histórias, poemas, cartas, etc) (CEALE, 2004, p.21).

No início da alfabetização deve ser ensinado aos alunos os princípios e organizações da escrita, como, por exemplo, a direção da esquerda para a direita no processo de leitura e escrita, é preciso que compreendam que existe uma ordem de alinhamento estabelecida como uma regra. “A compreensão desse princípio convencional básico – que abrange a ordenação das letras nas palavras – é indispensável para o aluno desvendar os segredos da escrita alfabética” (CEALE, 2004, p.24).

Ao utilizar o método global, o professor tem o dever de atuar como modelo de seus alunos, e concomitantemente criar oportunidades para que os mesmos observem suas atitudes, ganhem autonomia com o passar do tempo e passem a escolher seus próprios recursos de leitura. Para que os alunos sejam capazes de ler com fluência, o professor deve criar situações lúdicas para que as crianças prestem atenção no sistema fonológico da língua, de modo a permitir que elas descubram as diferenças entre a fala e a escrita.

De acordo com as orientações, os professores precisam utilizar textos que fazem sentido para os alunos, de acordo com suas vivências letradas e seu cotidiano. O CEALE ressalta a importância de que os textos não partam de modelos a serem copiados, mas devam ser uma atividade que contribuem para a compreensão da natureza alfabética por parte dos alunos. Nesse sentido, os alunos são desafiados a formular hipóteses sobre como cada fonema e grafema devem ser representados durante a escrita, buscando novas ideias e soluções inovadoras para que possam dominar a ortografia.

[...] o aluno se vê desafiado a grafar as palavras que quer empregar e isso provoca a necessidade de refletir e formular hipóteses sobre como cada fonema e cada sílaba pode ser representada na escrita. A criança terá então que se esforçar para distinguir os fonemas que compõe tais palavras e descobrir possibilidades coerentes de escrever os “sons” identificados, apoiando-se nos princípios e regularidades que já tiver aprendido, mas também, buscando soluções inéditas (CEALE, 2004, p.34).

O CEALE cita como excesso de rigor, o fato de obrigar os alunos a aprender a ortografia correta de todas as palavras ao chegar ao final do primeiro ano de alfabetização ou serem reprovados. Ao ponto de vista das orientações deste, os erros ortográficos não devem ser corrigidos e nem fazer parte de um objeto de reflexão, pois o documento considera que o mais importante é incentivar o aluno a

escrever com autonomia, sem medo de errar e não se preocupar com as regras ortográficas, assim, “A medida que os alunos vão aprendendo a escrever com certa fluência, o professor precisa organizar de maneira sistemática o estudo de algumas regras ortográficas” (CEALE, 2004, p.35).

A leitura é um aspecto importante que incide na autonomia dos alunos durante o processo da alfabetização, considerada como uma prática social que contribui para o letramento, a criança não deve esperar aprender a ler para ter acesso a esta, pois é possível que os alunos vivenciem a leitura por meio de meios culturais, sociais e familiares.

Os alunos demonstram que possuem o conhecimento necessário de leitura quando sabem a função dos meios de informações como, por exemplo, jornais, bibliotecas, textos impressos, no seu cotidiano como placas e anúncios que lhes transmitem a leitura como algo prazeroso e arraigado de sentido às suas vivências.

[...] são capacidades que, introduzidas desde a Fase Introdutória, devem ser trabalhadas sistematicamente e consolidadas durante o tempo, considerando-se, é claro, o gosto e o desenvolvimento das crianças em relação ao material de leitura (histórias, contos, poemas, notícias acessíveis e interessantes, introduções de jogos, etc.) (CEALE, 2004, p.43).

Ao utilizar os recursos de leitura indicados, esses conceitos proporcionam a implicação do trabalho em leitura, possibilitando que a escola estabeleça os objetivos a serem alcançados e permita que a leitura propicie a formação dos sujeitos, para que eles se sintam à vontade com os textos que são lidos durante o aprendizado.

Nesse início de aprendizado é relevante que os alunos consigam fazer o reconhecimento global das palavras, favorecendo a leitura e compreensão imediata e se apropriem de algumas estratégias como: decorar palavras ou pequenos textos, associando palavras com imagens e sons.

Porém, o documento de orientações do CEALE aponta como não sendo importante a análise dos fonemas e sílabas, pois é acredita-se que é possível o aluno fazer uma leitura mais rápida.

O reconhecimento de palavras, sem atenção à análise de seus componentes internos como fonemas e sílabas, favorece uma leitura rápida,

porque permite que o leitor não se detenha a fragmentos como “sons” e nomes de letras (CEALE, 2004, p. 44).

De acordo com as orientações, para que sejam desenvolvidos nos alunos as capacidades necessárias à leitura com fluência e compreensão, devem ser inseridos três componentes básicos: a compreensão linear, no tocante ao que diz respeito à capacidade em perceber as informações visuais; a produção de inferências, que permite o aluno a ler nas entrelinhas, de modo a compreender as mensagens subentendidas; e a compreensão global que se refere a construção de sentido e coerência do texto. Assim, segundo CEALE (2004, p.48), o professor deve instigar os alunos a prestarem atenção e explicarem os não ditos do texto, a descobrirem e explicarem os porquês, a explicitarem as relações entre o texto e seu título.

A sala de aula deve ser vista como um espaço público com o objetivo de cumprir as metas que são atribuídas pela sociedade, local para formar cidadãos aptos a participar do meio social aprimorando-se das vivências e experiências obtidas no meio escolar, os alunos devem sentir-se confortáveis para participar das aulas e serem convidados pelos professores a opinar, dar sugestões e interagir com o conteúdo abordado.

No entanto, Cabe aos professores e as escolas observarem a realidade de cada aluno, procurando perceber quais são as experiências que irão contribuir para o aprendizado e as reais condições para se adquirir uma cultura letrada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar os documentos utilizados para essa pesquisa, cabe ressaltar que os documentos analisados são de cunho orientador e norteador aos professores alfabetizadores e profissionais no campo da educação, os quais demonstram uma disparidade entre eles. É surpreendente que em dois materiais nacionais de orientações pedagógicas haja a expressiva discrepância.

Enquanto o método fônico se fundamenta nas evidências científicas comprovadas por sua eficiência em outros países, o método global em alfabetização está apregoado em um ideário construtivista, uma filosofia que fundamenta sua eficiência em alfabetizar principalmente por meio dos Parâmetros Curriculares

Nacionais (PCNs), sem que esse documento demonstre sua objetividade e eficiência comprovada de maneira empírica.

O nível de aprendizado e compreensão dos alunos tem sido evidenciado nos gráficos das avaliações nacionais e internacionais, de forma, cada vez mais decadentes, o que demonstra que algo precisa ser repensado. Um método para alfabetizar precisa estar alicerçado em experimentos comprovados cientificamente que não se baseie apenas em teorias, mas que seja possível confirmar a real funcionalidade e possíveis melhoras para o conhecimento dos alunos.

O documento da comissão de educação e cultura elaborada pela Câmara dos Deputados (Alfabetização infantil: Os novos caminhos, 2002) aponta que os objetivos estabelecidos pelos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais são confusos em diversos momentos.

[...] se o objetivo é ensinar a produzir textos, não é possível começar com letras, sílabas, palavras ou sentenças fora de contexto, já que elas não possuem qualquer relação com a competência discursiva que é a questão central (PCNs, p. 29, apud: câmara dos deputados p. 131, 2002).

As orientações que são passadas aos futuros professores ou àqueles que já trabalham como alfabetizados se divergem ao comprovar que há uma preocupação evidente também na formação dos profissionais no campo da educação, pois os métodos que são frequentemente utilizados não estão fundamentados em nenhum experimento científico no país, já que no Brasil não se costuma realizar experimentos científicos que comprovem a eficácia do método global.

Nos países mais avançados como Estados Unidos, Inglaterra e França, a alfabetização tem sido apresentada com grandes avanços devido ao investimento dos governos e políticas que se preocupam em garantir uma educação de qualidade e acima de tudo eficiente. Os países que também utilizavam o método global em alfabetização investiram em mudanças quando observaram que não havia bons resultados nessa prática de ensino. As avaliações sobre o uso de concepções semelhantes às dos PCNs mostraram resultados catastróficos.

No Brasil, as políticas e métodos que são utilizados com base na filosofia que está explícita nos PCNS, demonstram falta de definições precisas que induzam à políticas que assegurem a alfabetização.

Nesse contexto, a formação dos professores acontece de forma prejudicada, padecendo de problemas que estão relacionados aos conteúdos e orientações discrepantes que estão deturpadas da realidade, de fato o que se percebe nas academias de ciências é que as disciplinas relacionadas ao ensino da língua portuguesa, literatura, literatura infantil e principalmente alfabetização são reduzidas e estão fundamentadas pelos PCNs (BRASIL, 2002).

Enquanto outros países usam os resultados avaliativos para contribuir e melhorar a educação, no Brasil, todavia, tem se percebido o caminho inverso, pois mesmo com os resultados negativos apresentados pelo SAEB e pelo PISA, não houve influências e atitudes governamentais para que esses dados sejam amenizados e se passe a garantir uma boa educação.

É possível perceber que a educação brasileira, principalmente no que se refere à alfabetização e compreensão de leitura e escrita dos alunos, necessita de um programa de ensino baseado em evidências científicas comprovadas, e que acima de tudo estejam sempre atualizadas no tocante ao funcionamento e condições de aplicabilidade. Dessa forma, “o Brasil certamente terá muito a ganhar se passar a estudar, conhecer, compreender e adotar uma visão de alfabetização compatível com o estado atual do conhecimento sobre o assunto” (BRASIL, 2007, p.162).

Portanto, faz-se necessário analisar a fundo o que está ocorrendo atualmente na educação brasileira, de modo a comparar com os dados obtidos por outros países mais avançados, em busca de corrigir os problemas que são enfrentados durante a alfabetização nas escolas do Brasil, a fim também de evitar erros educacionais ainda maiores, e possibilitar às crianças brasileiras uma educação de melhor qualidade que as torne mais competentes na aquisição da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Fernando; CAPOVILLA Alessandra G. S. **Alfabetização: Método Fônico**. 4ed. São Paulo: Mennon, 2007.

CEALE. **Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização: Ciclo Inicial de Alfabetização**, caderno 1. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2004.

CEALE. **Orientações para a Organização do Ciclo Inicial de Alfabetização: Alfabetizando**, caderno 2. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2004.

Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados. **Alfabetização Infantil: Os novos caminhos**, relatório final. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. 2ª Ed. Brasília, 2002.

INEP. **Relatório Técnico do sistema Nacional de Avaliação Básica**. SAEB, 2003. Brasília: INEP/Ministério da Educação.

INEP. **Sistema Nacional de Avaliação Básica**. SAEB, 2003. Brasília: INEP/Ministério da Educação.

OLIVEIRA, João B. A; SILVA, Luiz C. F. Métodos de Alfabetização: O Estado da Arte. *In: Aloísio Pessoa de Araujo, coordenador. **Aprendizagem Infantil***. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011. P. 79-133.